

Lélia Gonzalez

Por um feminismo afro-latino-americano

Ensaaios, intervenções e diálogos

Organização:
Flavia Rios e Márcia Lima

5ª reimpressão

Sumário

Introdução 9

PARTE I Ensaaios

Cultura, etnicidade e trabalho: Efeitos linguísticos e políticos da exploração da mulher 25

A juventude negra brasileira e a questão do desemprego 45

A mulher negra na sociedade brasileira: Uma abordagem político-econômica 49

O apoio brasileiro à causa da Namíbia: Dificuldades e possibilidades 65

Racismo e sexismo na cultura brasileira 75

Mulher negra 94

O Movimento Negro Unificado: Um novo estágio na mobilização política negra 112

A categoria político-cultural de amefricanidade 127

Por um feminismo afro-latino-americano 139

Nanny: Pilar da amefricanidade 151

A mulher negra no Brasil 158

PARTE II Intervenções

- Mulher negra: Um retrato 173
- Alô, alô, Velho Guerreiro! Aquele abraço! 179
- A questão negra no Brasil 183
- Pesquisa: Mulher negra 191
- Mulher negra, essa quilombola 197
- Democracia racial? Nada disso! 201
- De Palmares às escolas de samba, tamos aí 204
- Taí Clementina, eterna menina 207
- A esperança branca 211
- Beleza negra, ou: Ora-yê-yê-ô! 214
- E a trabalhadora negra, cumé que fica? 217
- Racismo por omissão 220
- Homenagem a Luiz Gama e Abdias do Nascimento 222
- História de vida e louvor (Uma homenagem a Zezé Motta) 228
- Para as minorias, tudo como dantes... 230
- A cidadania e a questão étnica 232
- Odara Dudu: Beleza negra 242
- Discurso na Constituinte 244
- O terror nosso de cada dia 263
- As amefricanas do Brasil e sua militância 265
- A importância da organização da mulher negra no processo de transformação social 267
- Uma viagem à Martinica I 271
- Uma viagem à Martinica II 275

PARTE III Diálogos

Duas mulheres comprometidas em mudar o mundo 281

Entrevista a *Patrulhas ideológicas* 286

A lei facilita a violência 298

Entrevista ao jornal *Mulherio*: Lélia Gonzalez, candidata a deputada federal pelo PT/RJ 300

O racismo no Brasil é profundamente disfarçado 302

Mito feminino na revolução malê 306

A democracia racial: Uma militância 310

Entrevista ao *Pasquim* 313

Entrevista ao *Jornal do MNU* 325

Apêndice: A propósito de Lacan 337

Notas 351

Bibliografia 358

Fontes 364

Nota biográfica 369

Uma cronologia de Lélia Gonzalez 371

Sobre as organizadoras 375

Introdução

FLAVIA RIOS E MÁRCIA LIMA

AS LEITORAS E OS LEITORES TÊM em mãos uma coletânea inédita da obra de Lélia Gonzalez. Há muito se esperava um trabalho que conseguisse concentrar em um só volume a produção escrita de uma vida inteira da intelectual negra mais expressiva do Brasil no século xx. Neste livro reunimos, em ordem cronológica, a maior parte dos ensaios, intervenções e diálogos realizados pela autora no período que compreende duas décadas — de 1975 à primeira metade dos anos 1990 — e que marca também os anseios democráticos da nação brasileira e de outros países da América Latina e do Caribe, além das reivindicações por igualdade racial nos Estados Unidos e das lutas por independência dos países africanos.

Esses escritos foram recolhidos de várias fontes: dos livros raros que já não mais circulam em livrarias ou quase nunca são encontrados em sebos, sejam físicos ou virtuais, até os artigos publicados nos periódicos da chamada imprensa alternativa, um verdadeiro celeiro para as ideias progressistas, contraculturais e democráticas que invadiram as bancas brasileiras nos tempos incertos e sombrios da ditadura militar.

Nos Ensaio de Lélia Gonzalez encontramos suas formulações mais aprofundadas. Neles, é possível entrever suas leituras, referências bibliográficas e a quem a autora se opõe no debate intelectual. É onde expõe de forma mais robusta e erudita a sua formação intelectual. Nesses escritos, seu vasto conhecimento humanista não cede lugar para uma escrita truncada, hermética e, portanto, restrita a poucos leitores. Lélia tem uma elaboração textual fina, às vezes repleta de ironias, por vezes mesclada de ortografia formal com a língua falada, um misto de coloquialismo e erudição. Em seus trabalhos é possível encontrar simultaneamente citações de referências clássicas da filosofia e das ciências sociais convivendo com o linguajar popular, do latim ao banto, passando pelo que ela chama de “pretuguês”, uma espécie de africanização

ou criouliização do idioma falado no Brasil. Referências à filosofia ocidental — que marcou a sua formação acadêmica — juntam-se a ditos populares, às elaborações dos mestres das escolas de samba, dos conhecimentos produzidos por mulheres trabalhadoras em sua prática cotidiana, numa combinação organizada para gerar polifonia, possibilitando a escuta de múltiplas vozes em diálogo. Assim, no conteúdo e na forma, os ensaios de Lélia Gonzalez dizem sobre a originalidade de seu pensamento. Nesta primeira parte do livro, além dos seus textos publicados, arrolamos artigos inéditos apresentados por ela em congressos internacionais e em importantes universidades estrangeiras.

Em jornais da chamada grande imprensa também encontramos artigos críticos da autora, assim como em periódicos do movimento negro e feminista. Esses materiais são chamados de Intervenções nesta coletânea — justamente por serem escritos de tomada de posição: artigos curtos, discursos e participações em debates, dos quais ela se servia para reagir a polêmicas e controvérsias na mídia e na vida política brasileira. Impacta, na leitura de seus textos e discursos transcritos, exatamente a atualidade das posições tomadas por ela mais de três décadas atrás: críticas à persistência do racismo e do sexismo na cultura brasileira; a defesa de candidaturas negras e de mulheres desde que ancoradas em representação substantiva e de valores, e não apenas descritiva, movida exclusivamente por cor ou gênero; e a importância da autonomia dos movimentos em relação aos partidos políticos, mas sem deixar de lado a relevância da atuação política institucionalizada em conselhos, em organizações partidárias, no parlamento. Ademais, a autora apresenta posições firmes hoje talvez comuns entre intelectuais e ativistas experientes na história política e na cultura brasileira, mas que à época causaram certa perplexidade, já que vários processos ainda não tinham se desenhado de forma definitiva na nossa jovem democracia. E, por falar em democracia, um dos pontos altos desta seção é o discurso de Lélia Gonzalez na Constituinte. Um texto inédito que mostra o papel concreto da intelectual e ativista negra na construção do pacto constitucional — baliza primordial para nossa convivência política até os dias de hoje.

Reunimos também um conjunto de entrevistas que foram aqui oportunamente chamadas de Diálogos, por serem de fato conversas entre a intelectual e os jornalistas interessados em conhecer com profundidade sua trajetória e suas ideias. Aliás, essas entrevistas são verdadeiros depoimentos, ótima oportu-

tunidade para quem tem interesse em conhecer aspectos biográficos da autora — uma espécie de autoanálise articulada às interpretações que ela faz do Brasil.

Por fim, como um Apêndice, a coletânea traz um texto raríssimo chamado “A propósito de Lacan” — um estudo analítico muito útil para compreender o interesse de Lélia pela psicanálise. Anos mais tarde, essa imersão ganhará contornos mais originais e criativos em suas reflexões sobre cultura e política no Brasil e na América Latina.

Visto por essa perspectiva ampla, *Por um feminismo afro-latino-americano*, título dado a este livro, além da função metonímica — ao tomar um artigo pelo conjunto da obra — busca dar vazão ao esforço da pensadora brasileira em refletir sobre as formas de dominação e resistência da região, escapando das fronteiras hemisféricas, linguísticas e nacionais. Visando proporcionar maior conhecimento do pensamento da autora, pela primeira vez o público brasileiro terá acesso a alguns de seus trabalhos nunca traduzidos para a língua portuguesa: “The Brazilian Support to the Namibian Cause: Difficulties and Possibilities” [“O apoio brasileiro à causa da Namíbia: Dificuldades e possibilidades”], escrito para o Simpósio Regional da América Latina e Caribe em apoio à independência da Namíbia e posteriormente publicado na revista *Afrodíaspóra*, em 1983; “The Unified Black Movement: A New Stage in Black Political Mobilization” [“O Movimento Negro Unificado: Um novo estágio na mobilização política negra”], publicado nos Estados Unidos em 1985; e “The Black Woman in Brazil” [“A mulher negra no Brasil”], publicação póstuma realizada pelo intelectual cubano Carlos Moore em sua coletânea sobre a presença negra nas Américas, de 1995. No seu conjunto, a obra de Lélia Gonzalez não faz uso apenas da literatura brasileira, buscando refletir com e a partir dos pensadores e das pensadoras de países africanos, dos Estados Unidos, da Europa, da América Latina e do Caribe.

Em diálogo profícuo com a produção do seu país, a autora faz uma crítica radical aos chamados intérpretes do Brasil, reagindo ao arianismo de Oliveira Vianna e ao elogio da mestiçagem de Gilberto Freyre, ou mesmo às tintas patriarcais das formulações de Caio Prado Jr. em seu famoso *A formação do Brasil contemporâneo*. Ela também acompanha de forma atenta e crítica a escola paulista de sociologia, analisando os trabalhos dos estudiosos que investiram no entendimento das relações raciais brasileiras, liderados por Florestan Fernandes, e as interpretações que visavam dar uma explicação para a especifi-

cidade do capitalismo que se estabelecia no Brasil e na América Latina, tendo como referência a produção intelectual de Fernando Henrique Cardoso.

Ainda no campo da sociologia é digna de nota sua interlocução com o que havia de mais vibrante no pensamento sobre nação e relações raciais elaborado por Guerreiro Ramos, no Rio de Janeiro. Sem deixar de mencionar a relevante escola baiana que teve em Thales de Azevedo um dos seus maiores expoentes, justamente por seus estudos sobre a capital soteropolitana, tão visitada por Lélia em suas viagens pelo Brasil. Da produção que vinha sendo realizada pelas pesquisadoras do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), Gonzalez discutia em primeira mão e citava os manuscritos de Lucia de Oliveira, Rosa Porcaro e Teresa Cristina Araújo Costa. No campo antropológico, ela lia avidamente tanto as formulações culturalistas de Arthur Ramos como as reflexões estruturalistas formuladas por Roberto DaMatta — este de particular interesse da autora justamente por suas análises do componente ritualístico, pela dimensão das representações sociais e pela hipótese de inversão das hierarquias sócio-ocupacionais em contextos em que as regras são temporariamente suspensas, como nas festas e no Carnaval.

Da Europa vieram três influências muito importantes para o pensamento de Lélia Gonzalez: o feminismo em sua versão do segundo pós-guerra, principalmente através das letras de Simone de Beauvoir, em seu aclamado *O segundo sexo*; o marxismo — especialmente da escola francesa — que lhe é fundamental para pensar as classes na estrutura social, assim como o conceito de ideologia e consciência, tão caros à geração intelectual brasileira sob a ditadura militar; e por fim a psicanálise, que é incorporada às suas reflexões, sobretudo no que diz respeito ao aspecto cultural da dominação e da subversão, em particular por meio da linguagem.

Em diferentes momentos de sua vida, Lélia Gonzalez foi à África. Seu diálogo com o continente também não tem caminho único. É possível referir-se diretamente à influência do anticolonialismo, cuja fonte africana emana da produção de Amílcar Cabral, um dos principais teóricos da independência via luta armada para fazer frente ao colonialismo europeu e fundador do Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC). A esse respeito note-se sua predileção pelos escritos revolucionários de Cabral, cujos textos foram reunidos em forma de discursos na coletânea de língua inglesa *Return to the Source*, publicada em Nova York em 1973. Outra referência